

GUIA RÁPIDO DA METODOLOGIA DE GESTÃO DE RISCOS E CONTROLES INTERNOS DE PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

1ª EDIÇÃO
SETEMBRO/2024

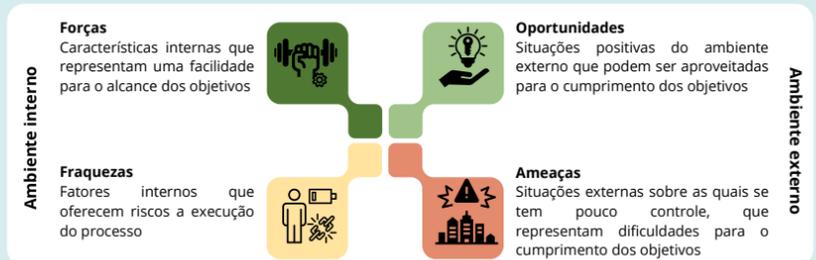


As seguintes etapas devem ser observadas para a avaliação de riscos e controles internos:

1 LEVANTAMENTO PRELIMINAR E ANÁLISE DE AMBIENTE

No levantamento preliminar, serão identificadas, por meio de **questionário e tabela de detalhamento das fases**, as informações básicas sobre o processo de negócio a ser avaliado, como: objetivo(s) do processo e objetivo estratégico associado, sistemas utilizados, partes relacionadas, fases e cronograma de execução.

Para auxiliar na avaliação do ambiente organizacional, pode-se utilizar a **Matriz SWOT**:



2 IDENTIFICAÇÃO DOS RISCOS

Envolve o reconhecimento, a descrição e o registro dos **eventos de riscos** mais relevantes, com a caracterização de suas **prováveis causas e possíveis consequências**. A técnica Bow Tie possibilita registrar de forma estruturada essas informações:



3 IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS CONTROLES

São identificados os **controles existentes para cada um dos eventos relacionados**, com a indicação do respectivo **grau de importância**. Após, faz-se a análise da **efetividade dos controles**, conforme tabela a seguir, a fim de verificar o quanto o conjunto de controles existentes está proporcionando a redução dos riscos e sua manutenção a níveis considerados adequados pela alta administração.

NÍVEL DE EFETIVIDADE DOS CONTROLES	AValiação DO DESENHO E IMPLEMENTAÇÃO DOS CONTROLES (ATRIBUTOS DO CONTROLE)
INEXISTENTE	Controles inexistentes, mal desenhados ou mal implementados, isto é, não funcionais.
FRACO	Controles tendem a ser aplicados caso a caso, a responsabilidade é individual, havendo elevado grau de confiança no conhecimento das pessoas.
MEDIANO	Controles implementados mitigam alguns aspectos do risco, mas não contemplam todos os aspectos relevantes do risco devido a deficiências no desenho ou nas ferramentas utilizadas.
SATISFATÓRIO	Controles implementados e sustentados por ferramentas adequadas e, embora passíveis de aperfeiçoamento, mitigam o risco satisfatoriamente.
FORTE	Controles implementados podem ser considerados a "melhor prática", mitigando todos os aspectos relevantes do risco.

Fonte: Adaptado do Referencial Básico de Gestão de Riscos do Tribunal de Contas da União, 2018.

4 AVALIAÇÃO DOS RISCOS

Essa etapa visa promover o entendimento do **nível do risco, inerente e residual**, especialmente quanto à estimativa da **probabilidade** de sua ocorrência e do **impacto** das consequências desses eventos, fornecendo assim uma ferramenta indicativa de quais riscos necessitam ser priorizados.

Matriz de Riscos					
	Muito Baixo	Baixo	Médio	Alto	Muito Alto
1	1	2	5	8	10
2	2	4	10	16	20
3	5	10	25	40	50
4	8	16	40	64	80
5	10	20	50	80	100
	Rara	Pouco Provável	Provável	Muito Provável	Praticamente Certa
	Probabilidade				

Figura 05 - Matriz de Riscos

Escala de Classificação de Risco			
Risco Pequeno	Risco Moderado	Risco Alto	Risco Crítico
0 - 9,99	10 - 39,99	40 - 79,99	80 - 100

Figura 06 - Escala de Nível de Risco

RISCO INERENTE

Analisa-se, inicialmente, o risco inerente, ou seja, o valor do risco sem contar nenhum controle para reduzi-lo. O valor do risco inerente é o **produto da probabilidade x impacto** ($RI = P \times I$)

RISCO RESIDUAL

Após, analisa-se o **nível do risco com base nos controles existentes e no nível de efetividade destes**. Da multiplicação do nível de risco inerente com o risco de controle (valor de 0,2 a 1,0), obtêm-se o risco residual ($RR = RI \times RC$).

TOLERÂNCIA A RISCOS DO MINISTÉRIO

A escala de exposição a riscos fornece diretriz quanto à tolerabilidade do MCID em relação ao nível do risco, auxiliando o gestor na tomada de decisão quanto ao tipo de resposta a ser tomada.

EXPOSIÇÃO A RISCOS	
NÍVEL DE RISCO	CRITÉRIOS PARA PRIORIZAÇÃO E TRATAMENTO DE RISCOS
Risco Crítico	Nível de risco muito além do apetite a risco. Qualquer risco nesse nível deve ser comunicado à autoridade máxima da unidade e ao CIGov e ter uma resposta imediata
Risco Alto	Nível de risco além do apetite a risco. Qualquer risco nesse nível deve ser comunicado à autoridade máxima da unidade e ter um plano de tratamento para mitigação
Risco Moderado	Nível de risco dentro do apetite a risco. Não há obrigatoriedade de medidas adicionais, porém requer atividades de monitoramento específicas e atenção da gerência para que o risco não aumente. Pode-se reduzi-lo com implementações de baixo custo
Risco Pequeno	Nível de risco dentro do apetite a risco. É possível conviver com o risco mantendo as práticas e procedimentos existentes.

Obs.: A depender da situação, a autoridade máxima poderá não adotar uma resposta imediata, apresentando a devida justificativa

Quadro 10 - Escala de Exposição a Riscos

5 RESPOSTA AOS RISCOS

Há 4 possíveis tipos de respostas quanto aos riscos identificados, os quais deverão observar os limites de exposição a riscos definidos pelo MCid.

PLANO DE TRATAMENTO

Compreende a **proposição de ações para modificar o nível do risco**, por meio de medidas que reduzam, compartilhem ou evitem esses riscos.

Os planos de tratamento serão **monitorados por meio do Sistema e-Aud**.

Evitar	Não iniciar, ou descontinuar a atividade que origina o risco
Aceitar	Deixar a atividade como está, não adotando qualquer medida
Reduzir	Desenvolver ações para mitigar o risco, ou seja, remover suas fontes, ou reduzir a probabilidade e/ou o impacto do risco
Compartilhar	Distribuir parte do risco para outros atores (terceiros)

Quadro 11 - Tipos de Respostas

Para mais detalhes, acesse a [Metodologia completa de Gestão de Riscos e Controles Internos de processos organizacionais](#).

Assessoria Especial de Controle Interno
Coordenação-Geral de Controle Interno
Coordenação de Riscos e Controle Interno